
DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA: REFLEXÕES ACERCA DA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Wellma Karla Barbosa de Medeiros¹
Wellyda Illana Barbosa de Medeiros²
Mariana Crisostomo Delfino de Brito³

Resumo

Nos últimos anos, tem sido crescente o interesse por estudos sobre o Semiárido Brasileiro, que buscam construir uma nova visão sobre a região, enfatizando que é possível viver bem e com qualidade de vida mesmo diante das adversidades, basta que se desenvolvam culturas de convivência adequadas ao ambiente apontando não somente os seus problemas, mas, acima de tudo, suas potencialidades e riquezas. Nessa perspectiva, a educação contextualizada no âmbito do Semiárido surge como um tema altamente relevante e indispensável nesta região, o qual aborda o Semiárido não mais como uma terra seca e sofrida, mais de forma global, demonstrando toda a sua riqueza social, cultural e ambiental, levando-se em conta suas características peculiares, oportunizando que se construam novas estratégias de desenvolvimento para a região com base nos princípios da convivência com o Semiárido. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar os principais desafios e possibilidades da educação contextualizada no âmbito do Semiárido. Como procedimentos metodológicos, foram coletados dados por meio de pesquisa bibliográfica, onde se utilizou artigos relacionados à convivência com o Semiárido e sobre a educação contextualizada, a fim de subsidiar os resultados da referida pesquisa. A convivência é uma nova forma de ver e viver no Semiárido, excluindo as noções pejorativas sobre essa região, passando a enxergá-la como um espaço com suas características próprias, seus limites e potencialidades, porém a educação contextualizada enfrenta ainda algumas dificuldades em seu curso, são questões que necessitam serem revistas e aprimoradas para oportunizar o pleno desenvolvimento desta ferramenta que tanto tem a oferecer à região do Semiárido brasileiro.

Palavras chave: Convivência; educação; Semiárido.

Abstract

In recent years, there has been growing interest in studies on the Brazilian Semiárido, which seek to build a new vision about the region, emphasizing that it is possible to live well and with quality of life even in the face of adversity, it is enough to develop suitable cultures of coexistence to the environment pointing not only to their problems, but, above all, to their

¹Aluna do segundo período de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/ UERN, Mossoró-RN. Email: wellmacardan@gmail.com

²Aluna do sétimo período de Serviço Social na Faculdade Católica Santa Terezinha/FCST. Caicó-RN. Email: wellyda.illana@hotmail.com

³Aluna do segundo período de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Mossoró-RN. Email: marianadebrito1@gmail.com

potentialities and riches. In this perspective, the contextualized education within the Semiárido region emerges as a highly relevant and indispensable theme in this region, which approaches the Semiárido region no longer as a dry and suffering land, more globally, demonstrating all its social, cultural and environmental wealth, taking into account its peculiar characteristics, allowing the construction of new development strategies for the region based on the principles of coexistence with the Semiárido. In this sense, the present work has as objective to analyze the main challenges and possibilities of the contextualized education in the scope of the Semiárido. As methodological procedures, data were collected through a bibliographical research, where articles related to living with the Semiárido region and contextualized education were used, in order to subsidize the results of this research. Coexistence is a new way of seeing and living in the Semiárido, excluding the pejorative notions about this region, seeing it as a space with its own characteristics, its limits and potentialities, however the contextualized education still faces some difficulties in its course, are issues that need to be reviewed and improved to allow the full development of this tool that has so much to offer to the Brazilian Semiárido region.

Key words: Coexistence; education; Semiárido.

1 Introdução

O Semiárido brasileiro é uma região de clima meio árido, marcada pela irregularidade de chuvas, cujo volume varia entre 500 a 700 mm anuais, porém constitui-se como o Semiárido mais chuvoso do planeta: a pluviosidade é, em média, 750 mm/ano, porém desde os primórdios o Semiárido brasileiro tem sido tratado como uma região problema, pobreza, miséria, baixos índices de desenvolvimento econômico, social e educacional, como também a questão da seca, a qual é apontada como a responsável por esses e outros tantos problemas. Nos últimos anos, tem sido crescente o interesse por estudos sobre o Semiárido Brasileiro, abordando os mais diversos aspectos, tais como social, político, econômico, cultural, ambiental e educacional, produzindo assim novos conhecimentos sobre essa região. São trabalhos que buscam construir uma nova visão sobre a região, enfatizando que é possível viver bem e com qualidade de vida mesmo diante das adversidades, basta que se desenvolvam culturas de convivência adequadas ao ambiente apontando não somente os seus problemas, mas, acima de tudo, suas potencialidades e riquezas. Nessa perspectiva, a educação contextualizada no âmbito do Semiárido surge como um tema altamente relevante e indispensável nesta região, o qual aborda o Semiárido não mais como uma terra seca e sofrida, mais de forma global, demonstrando toda a sua riqueza social, cultural e ambiental, levando-se em conta suas características peculiares, oportunizando que se construam novas estratégias de desenvolvimento para a região com base nos princípios da convivência com o Semiárido. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar os principais

desafios e possibilidades da educação contextualizada no âmbito do Semiárido.

2 Metodologia

Conforme Gil (2007), este estudo classifica-se quanto a sua finalidade como exploratório, do ponto de vista da forma de abordagem do problema, esta se classifica como qualitativa, e quanto aos meios, como pesquisa bibliográfica. Como procedimentos metodológicos, foram coletados dados por meio de pesquisa bibliográfica, onde utilizou-se artigos relacionados à convivência com o Semiárido e sobre a educação contextualizada, a fim de subsidiar os resultados da referida pesquisa.

3 O Semiárido Brasileiro

De acordo com Silva (2006)

As regiões semi-áridas são caracterizadas, de modo geral, pela aridez do clima, pela deficiência hídrica, com imprevisibilidade das precipitações pluviométricas, e pela presença de solos pobres em matéria orgânica. O prolongado período seco anual eleva a temperatura local, caracterizando a aridez sazonal. Conforme essa definição, o grau de aridez de uma região depende da quantidade de água advinda da chuva (precipitação) e da temperatura que influencia a perda de água por meio da evapotranspiração potencial. (SILVA, 2006, p. 15)

Em 2005, o Ministério da Integração Nacional atualizou a área de abrangência oficial do Semiárido, de acordo a Portaria Ministerial nº 89, de março de 2005 (BRASIL, 2005). Para a nova delimitação do Semiárido foram considerados três critérios técnicos: a precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 mm; um índice de aridez de até 0,5 no período entre 1961 e 1990, calculado pelo balanço hídrico que relaciona as precipitações e a evapotranspiração potencial; e o risco de seca maior que 60% no período entre 1970 e 1990.

Figura 01 – Nova delimitação do Semiárido brasileiro.



Fonte: BRASIL (2005)

O Semiárido brasileiro passou a ocupar uma área de 969.589 km a qual inclui os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, a maior parte da Paraíba e Pernambuco, Sudeste do Piauí, Oeste de Alagoas e Sergipe, região central da Bahia e uma faixa que se estende em Minas Gerais, seguindo o Rio São Francisco, juntamente com um enclave no vale seco da região média do rio Jequitinhonha.

Segundo Araújo (2011) a Região Semiárida brasileira apresenta como fator de destaque o clima, responsável pela variação dos outros elementos que compõem as paisagens. Ao clima estão adaptados a vegetação e os processos de formação do relevo, com predomínio de um processo sobre outro e de acordo com a época do ano, período seco ou chuvoso; os solos são, em geral, pouco desenvolvidos em função das condições de escassez das chuvas, tornando os processos químicos mitigados.

Como principais características climáticas destacam-se as temperaturas médias

elevadas, a alta evapotranspiração (evaporação potencial de até 3.000 mm/ano) e precipitações médias anuais inferiores a 800 mm, extremamente irregulares e concentradas, gerando os períodos de chuvas e estiagens. Existe a característica de má distribuição dessa chuva no tempo e no espaço geográfico.

Cerca de 80% dos solos do Semiárido são de origem cristalina, rocha dura que não favorece a acumulação de água, sendo os outros 20% representados por solos sedimentares, com boa capacidade de armazenamento de águas subterrâneas.

A Caatinga é o tipo de vegetação que cobre a maior parte da área do Semiárido brasileiro. Historicamente a região Nordeste sempre foi afetada por grandes secas ou grandes cheias. No semiárido nordestino, essa variabilidade climática, em particular as situações de seca, representa dificuldades para a população da região.

4 A Convivência com o Semiárido

Indo contra as concepções do Nordeste e do Semiárido brasileiro como região problema, algumas instituições e estudiosos começaram a desenvolver estudos sobre a possibilidade de ver tal região como um berço de oportunidades, partindo da premissa da convivência harmoniosa. Nesse sentido Silva (2006), relata que essa nova visão se caracteriza pela quebra do paradigma das ações emergenciais nas secas substituindo-os por programas multidisciplinares e permanentes de desenvolvimento solidário e sustentável baseados na “Convivência com o Semiárido”.

A esse respeito Braga (2004) ressalta que essa nova concepção teve sua gênese nos trabalhos educativos que vem sendo realizados junto às populações que vivem no Semiárido, e esses trabalhos são pautados no conhecimento e saberes produzidos por agricultores familiares, que hoje resgatam tecnologias e formas de relação com os diversos ambientes naturais do Semiárido brasileiro, sugerindo um modelo de convivência com este território, antes considerado inviável social e economicamente por muitas pessoas e instituições, apesar de suas potencialidades naturais e culturais.

De acordo com Farias (2009) a Convivência com o Semiárido, nesse sentido, é uma proposta ligada a Sociedade Civil do final do século XX e se apresenta como um novo

enunciado para as relações de poder, abrindo espaço para o redimensionamento do Semiárido e dos sujeitos que o compõe.

Ainda delimitando conceitualmente a convivência com o Semiárido, Silva (2006) expõe que a convivência expressa uma mudança na percepção da complexidade territorial e possibilita construir ou resgatar relações de convivência entre os seres humanos e a natureza, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida das famílias sertanejas, por meio do incentivo às atividades econômicas apropriadas e a sustentabilidade ambiental.

Nesse sentido a convivência é uma nova forma de ver e viver no Semiárido, excluindo as noções pejorativas sobre essa região, passando a enxergá-la como um espaço com suas características próprias, seus limites e potencialidades.

5 Educação Contextualizada no Semiárido

A convivência com o Semiárido requer a valorização e a reconstrução dos saberes da população local sobre o meio em que vive, sobre as suas especificidades, fragilidades e potencialidades (SILVA, 2006), logo, os processos formativos, sistemáticos e participativos, são fundamentais para o resgate e a construção de conhecimentos e práticas alternativas, onde faz-se necessário a contextualização dos processos e práticas de ensino-aprendizagem à realidade local, a qual vem sendo apresentada como uma estratégia de sensibilização, mobilização e organização da população sertaneja, para identificar as problemáticas e construir soluções apropriadas que visem à melhoria das condições de vida.

Guimarães Duque (1980, 2001 e 2004) apud Silva (2006) dava destaque especial a uma proposta de educação orientada para o contexto socioambiental, que habilitasse as famílias sertanejas a viverem contentes, satisfazendo suas necessidades fundamentais, e produzindo os bens para a coletividade com o objetivo de resgatar e valorizar as atividades e o modo de vida rural.

Assim, nessa perspectiva Martins (2004) coloca que o objetivo que se coloca é que a escola possa lidar com outros saberes, especialmente que ela possa dar sua contribuição para a melhoria das condições de vida do sertanejo, o que não se trata de reduzir a ação pedagógica ao localismo, mais sim assumir a ineficiência de um modelo universalista

cunhado pelo racionalismo e pelo cientificismo, entrando pela crise de paradigmas, adotando as abordagens inter e transdisciplinares.

É nesta perspectiva que a construção do conhecimento apropriado ao semiárido se faz articulado ao imaginário social, às relações entre os sujeitos e os dilemas de convivência com a seca. Ferreira (2004) cita que essa construção ocorre a partir do diálogo, quando as pessoas aprendem a pensar juntas no sentido de analisar um problema compartilhado e de recriar o conhecimento de forma também compartilhada e, nesta dinâmica, implica a subjetividade dos sujeitos.

Nesse sentido, sobre as dificuldades enfrentadas pela educação contextualizada no Semiárido brasileiro, Silva (2006) relata que apesar dos avanços inegáveis do ponto de vista organizativo, e quanto ao desenvolvimento de concepções e práticas pedagógicas, a educação contextualizada e, de modo mais abrangente, a cultura da convivência, enfrentam grandes desafios no Semiárido brasileiro, são eles:

Na maioria das escolas do meio rural é elevado o percentual de professoras e professores sem a formação adequada para a prática do magistério, o que dificulta a elaboração e execução de planos pedagógicos e de currículos contextualizados. A rede escolar nas áreas rurais é marcada pelas péssimas condições das estruturas físicas e pela falta de material didático adequado para implementar processos didáticos e pedagógicos inovadores. Além disso, muitas escolas no Semi-árido deixam de funcionar durante os períodos de seca devido à falta de água para os seus alunos. Nas áreas urbanas, além dos problemas acima sugeridos, percebe-se que os planos pedagógicos não acompanham a dinâmica da expansão urbana com a população que mantém características próprias de modos de vida no meio rural. Por isso, os processos de contextualização da educação, formais e informais, não devem se restringir apenas ao meio rural – como mais uma estratégia pedagógica de educação rural –, mas considerar essas inter-relações sociais e ambientais entre os dois espaços e modos de vida. (SILVA, 2006, p.256).

Nesse sentido, Negreiros e Campani (2012) citam que diante de projetos de educação contextualizada com o Semiárido os professores sentem necessidades de suportes teóricos para desenvolver as práticas pedagógicas, os materiais pedagógicos não contemplam o contexto local, e que muitas experiências em educação contextualizada são desenvolvidas em instituições não governamentais e não em escolas.

Sobre a educação contextualizada no Semiárido brasileiro, Lima (2008) relata que a ausência de um processo de formação de professores construído em sintonia com as reais necessidades políticas e pedagógicas das escolas torna-se um dos obstáculos para a construção de novas práticas pedagógicas que favoreça a formação de sujeitos críticos e autônomos.

Nessa perspectiva, Souza (2006) ressalta a educação contextualizada tem hoje o campo da gestão como principal ponto a ser enfrentado, trazido a público, sob a possibilidade de que as proposições políticas e mudanças idealizadas por este movimento não passem das iniciativas, solitárias, corajosas e isoladas, de alguns professores e escolas que estão sempre sob a ameaça dos rompimentos “inevitáveis” das administrações locais.

Logo, percebe-se que a valorização dos conhecimentos produzidos no cotidiano fortalece a relação entre a prática escolar e o contexto sociocultural. Dessa forma, a especificidade do lugar e os elos com a escola podem e devem funcionar como elementos mediadores do saber do professor e do aluno.

6 Considerações Finais

A convivência é uma nova forma de ver e viver no Semiárido, excluindo as noções pejorativas sobre essa região, passando a enxergá-la como um espaço com suas características próprias, seus limites e potencialidades, logo a educação contextualizada surge como uma nova forma de ver e viver no Semiárido, como uma educação orientada para o contexto socioambiental, que habilitasse as famílias sertanejas a viverem contentes, satisfazendo suas necessidades fundamentais, e produzindo os bens para a coletividade com o objetivo de resgatar e valorizar as atividades e o modo de vida rural. Porém a educação contextualizada enfrenta ainda algumas dificuldades em seu curso, são questões que necessitam serem revistas e aprimoradas para oportunizar o pleno desenvolvimento desta ferramenta que tanto tem a oferecer à região do Semiárido brasileiro.

Referências

ARAÚJO, Sérgio Murilo Santos de. **A Região Semiárida do Nordeste do Brasil: Questões Ambientais e Possibilidades de uso Sustentável dos Recursos.** Rios Eletrônica- Revista

Científica da FASETE ano 5 n., 2011.

BRAGA, Osmar Rufino. Educação e convivência com o Semi-árido: uma introdução aos fundamentos do trabalho político-educativo. In: KÜSTER, Angela; MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello (Org.). **Educação no contexto do Semi-árido brasileiro**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Nova delimitação do Semi-árido brasileiro**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005.

FARIAS, Ana Elizabete Moreira de. **Educação Contextualizada e a Convivência com o Semiárido no Assentamento Acauã - PB**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2009.

FERREIRA, Ruth de Souza Dias. **Presença da Educação e convivência com semi-árido brasileiro: experiência de uma ONG em Curaçá – Bahia**. Dissertação apresentada a Universidade Du Québec à Chicoutimi/ Universidade do estado da Bahia, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, Elmo de Sousa. **A formação continuada de professores no Semiárido: valorização experiências, reconstruindo valores e tecendo sonhos**. 2008. 240f. Dissertação. (Mestrado em Educação) -Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

MARTINS, Josemar da Silva. Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o semiárido. In: RESAB. **Educação para a Convivência com o Semiárido Brasileiro-reflexões teórico-práticas da RESAB**. Juazeiro-BA: Secretaria Executiva da RESAB, 2004.

NEGREIROS, J; CAMOANI, A. **Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido no sistema de ensino do município de Irauçuba-Ce**. Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED, Parnaíba – PI, 2012.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o**

Semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. 2006. 298 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

SOUZA, Ivânia Paula Freitas de. Educação **Contextualizada no Semiárido Brasileiro:** Questões Pouco Evidenciadas. Monografia apresentada no Curso de Especialização em Docência do Ensino Superior da Faculdade Santo Agostinho – FSA. Terezina-PI, 2006.